**FINADOS**

*“Por que procurais entre os mortos aquele que vive?” (Lc 24,5)*

*Pe. Rogério L. Zanini*

Finados é um momento muito especial na vida dos cristãos. Dia de contemplar, fazer memória e rezar na feliz lembrança de nossos *entes queridos.* Dia também que faz questionar a perenidade da vida e seu sentido em nossa passagem por este mundo. A certeza provém de nosso irmão Maior, Jesus Cristo que, conforme as narrativas bíblicas, é o primogênito dentre os mortos (Col 1,18), abrindo o caminho para quem continua seu seguimento. Jesus abriu as portas da eternidade para nosso mergulho no mistério, ou seja, também nossa possível passagem da morte para a vida. Neste sentido, não nascemos para morrer, mas vivemos para ressuscitar.

A certeza da fé na passagem da morte para a vida é um desafio constante. Os contextos sejam do passado, como do presente imprimem peso e colaboram para a compreensão da ressurreição de Jesus e da nossa. Por exemplo, neste momento que vivemos esta realidade de abertura de imensas covas para soterrar as vítimas da pandemia, que além de impactar por representar os descasos com a dignidade humana, leva-nos a perguntar o que é a vida e seu valor, já que os dirigentes políticos fazem descaso da vida como um todo. Todas as vidas importam? E, como conviver com a compreensão das desigualdades sociais tão visíveis e escancaradas como revelou a pandemia segundo o próprio Papa Francisco.

A lista foi e é grande e faltou valas para colocar os mortos. Quantas vidas poderiam ter sido salvas? Mais uma vez pessoas morreram injustamente e os grilhões da morte parecem prevalecer sobre a vida. Contra toda a esperança, está o trabalho incansável de muitas pessoas que de forma visível ou no anonimato despertam a vida de nossos *entes queridos. A* vida é mais forte do que a morte e precisa ser testemunhada. No entanto, como as comunidades do Apocalipse, o fim parece tão distante e com tantos sofrimentos que se volta incessantemente a perguntar: “até quando Senhor?” (Ap 6,10). O grito é um clamor dolorido, porque estavam no meio de uma realidade de morte. Hoje o grito em forma de clamor ou de gemidos continua representando a indiferença, a desigualdade e a maldade contra a vida. O perigo, que desta forma, aconteça um processo de naturalização da morte.

Estas realidades não podem ser vistas e sentidas como normais, a vida precisa ter a primazia como testemunha Jesus de Nazaré. Seus relacionamentos sempre comprovaram a preocupação com a cultura da vida. Como bem lembra o Papa Francisco: “A vida é a arte do encontro, embora haja tanto desencontro na vida” (*Vinicius de Moraes*). “Já várias vezes convidei a fazer crescer uma cultura do encontro que supere as dialéticas que colocam um contra o outro. É um estilo de vida que tende a formar aquele poliedro que tem muitas faces, muitos lados, mas todos compõem (FT 215).

O desejo de nosso Deus é percebê-lo ressuscitado na força da vida e no caminho da esperança da libertação, mas os tempos continuam abrindo valas para sepultar os mortos em massa. As diferentes crises que estamos enfrentando e suportando nos conduzem para o distanciamento físico mais do que social e na fabricação da cultura dos muros. “Cada um de nós é chamado a ser um artífice da paz, unindo e não dividindo, extinguindo o ódio em vez de o conservar, abrindo caminhos de diálogo em vez de erguer novos muros” (FT 284).

Por isso, a celebração dos finados certamente se configura em esperança aos cristãos. Afinal, estamos reunidos e em comunhão com uma multidão de testemunhas que assim como declarou o Apóstolo São Paulo foram tocadas pelo ressuscitado ao longo da história. Pessoas que continuam afirmando que o amor é mais forte do que a morte (Ct 8,6), ou como as mulheres daquela primeira manhã continuamos a proclamar: “Jesus, não está no sepulcro, mas ressuscitou e vocês podem vê-lo na Galileia” (cf. Jo 20,1-9).

É deste mistério do amor profundo pela humanidade que brota o compromisso de anunciar que o crucificado está ressuscitado. Desafio percebido na primeira hora pelo apóstolo Tomé, que diante dos perigos de falsificar o Cristo sem Jesus, mesmo passando por incrédulo, prefere relutar em perceber e tornar visíveis as marcas, ou chagas de Jesus. Se para Tomé tocar nas chagas era decisivo, para os cristãos permanece uma sentença também válida, principalmente em um contexto de adoçamento do seguimento a Jesus.

É assustador o número de feridas abertas que se encontram visíveis em nosso mundo, e como são graves os problemas a serem enfrentados. Por exemplo, este ano na mensagem do dia mundial do pobre, que traz o seguinte título: “sempre tereis pobres entre vós” (Mc 14,7). Para o propósito desta reflexão basta a conclusão:

Faço votos de que o *Dia Mundial dos Pobres*, chegado já à sua quinta celebração, possa radicar-se cada vez mais nas nossas Igrejas locais e abrir-se a um movimento de evangelização que, em primeira instância, encontre os pobres lá onde estão. Não podemos ficar à espera que batam à nossa porta; é urgente ir ter com eles às suas casas, aos hospitais e casas de assistência, à estrada e aos cantos escuros onde, por vezes, se escondem, aos centros de refúgio e de acolhimento. É importante compreender como se sentem, o que estão a passar e quais os desejos que têm no coração.

E, tomando as palavras do Padre Primo Mazzolari, este frisa: “gostaria de pedir” para não se perturbar “se existem pobres” e nem perguntar “quem são e quantos são, porque tenho receio que tais perguntas representem uma distração ou o pretexto para escapar duma específica indicação da consciência e do coração”. E acrescenta: “Os pobres, eu nunca os contei, porque não se podem contar: os pobres abraçam-se, não se contam” (*mensagem do Papa 2021*).

E aos que duvidam da presença do ressuscitado, ou mesmo diante das dificuldades das desesperanças não diferentes dos discípulos de ontem, que O imaginaram um fantasma, ou jardineiro, fica este pequeno conto de Leonardo Boff esclarecedor.

Certa feita um velho e santo monge foi visitado em sonho pelo Ressuscitado. Este, o Ressuscitado, o convidou para passearem pelo jardim. O monge acedeu com entusiasmo e cheio de curiosidade. Depois de andarem longo tempo, para frente e para trás pelo caminho do jardim como fazem os monges depois do almoço, ainda hoje, o santo e velho religioso ousou perguntar: ‘Senhor, quando andavas pelos caminhos da Palestina, dissestes, certa feita, que voltarias um dia com toda a pompa e glória. Está demorando tanto esta sua volta!’ Depois de momentos de silêncio que pareciam uma eternidade, o Ressuscitado respondeu: ‘meu irmãozinho querido: quando minha presença no universo e na natureza  for evidente; quando minha presença sob a tua pele e no teu coração for tão real quanto a minha presença aqui e agora; quando esta consciência se tornar corpo e sangue em ti a ponto de não mais pensares nisso; quando estiveres tão imbuído desta verdade que não mais precisas perguntar com curiosidade, então, meu querido irmão, eu terei retornado com toda a minha pompa e glória (Disponível em:[https://leonardoboff.org/2021/04/03/a-ressurreicao-como-insurreicao-o-verdugo-nao-triunfa-sobre-a-vitima/. Acesso](https://leonardoboff.org/2021/04/03/a-ressurreicao-como-insurreicao-o-verdugo-nao-triunfa-sobre-a-vitima/.%20Acesso) em outubro de 2021).